

**A leitura de narrativas sobre a ditadura na recepção de leitores juvenis
/ *The reading of narratives about the dictatorship in the reception of
juvenile readers***

Airton Pott*

Rejane Pivetta de Oliveira**

RESUMO

Na perspectiva da recepção, pode-se afirmar que toda obra dirige-se a um público que ela mesma prefigura em sua estrutura. Não raro, o leitor depara-se com romances e contos que o remetem à rememoração do passado, defrontando-o com períodos históricos conflituosos, como o regime militar, vigente no Brasil durante mais de duas décadas. Textos com essa temática normalmente têm seu discurso direcionado ao público adulto, porém, este não é o caso de *Felizes poucos: onze contos e um curinga*, de Maria José Silveira, que recria em seu universo a experiência da ditadura militar de 1964, a partir dos dramas vividos naqueles tempos sombrios por personagens jovens. O objetivo deste artigo é fazer o relato de um trabalho de mediação de leitura, realizada com alunos de ensino médio de uma escola pública do interior do Rio Grande do Sul, com vistas a avaliar a recepção da obra, a partir das estratégias ficcionais que configuram a realidade ditatorial. Para tanto, a análise fundamenta-se na teoria recepcional de Iser (1999) e em estudos realizados por Petit (2008, 2009), Colomer (2007), Zilberman (2003) e Lajolo (2001), voltados à leitura.

PALAVRAS-CHAVE: *Felizes poucos: onze contos e um curinga; Jovens; Leitura; Recepção; Ditadura.*

ABSTRACT

*From the perspective of reception, it can be said that every work is directed to an audience which it itself prefigures in its structure. Not infrequently, the reader is faced with novels and short stories that remind him of the past, confronting him with conflicting historical periods, such as the military regime, which was in force in Brazil for more than two decades. Texts with this theme usually have their discourse directed to the adult public, but this is not the case of *Felizes poucos: onze contos e um curinga*, by Maria José Silveira, who recreates in his universe the experience of the military dictatorship of 1964, from of the dramas lived in those dark times by young personages. The objective of this paper is to report a work of mediation of reading, carried out with high school students of a public school in the interior of Rio Grande do Sul, in order to evaluate the reception of the work, based on the fictional strategies that make up the dictatorial reality. For this, the analysis is based on Iser's (1999) receptive theory and on studies by Petit (2008, 2009), Colomer (2007), Zilberman (2003) and Lajolo (2001).*

KEYWORDS: *Felizes poucos: onze contos e um Curinga; Young; Reading; Reception; Dictatorship.*

1 Introdução

A partir do âmbito da recepção, indagamos a respeito do modo como o livro *Felizes poucos: onze contos e um curinga*, de Maria José Silveira, é lido por jovens leitores, especialmente que reações e reflexões a composição e temática do livro suscitam nesse público. De que modo os jovens leitores percebem a elaboração ficcional

* Mestrando em Letras do PPGL da UPF - Universidade de Passo Fundo. Condor, Rio Grande do Sul Brasil. airton_pott@yahoo.com.br.

** Doutora em Teoria da Literatura e professora do PPG Letras da UPF - Universidade de Passo Fundo. Passo Fundo, Rio Grande do Sul Brasil. pivetta.rejane@gmail.com.

do tema da ditadura, abordado nos contos? Com o intuito de fazer essa sondagem, foi desenvolvida uma proposta de leitura do livro com alunos de uma turma do segundo ano do ensino médio de uma escola pública do interior do Rio Grande do Sul. Inicialmente, foi feita uma breve explanação para situar os alunos em relação à obra a ser lida, fixando-se um prazo de quinze dias para leitura, após o qual foi realizada, em sala de aula, com a presença de 12 alunos, uma atividade escrita, conduzida pelo mediador/professor.

A escrita realizou-se a partir de três questões: 1) O que chamou a atenção no livro?; 2) Quais as impressões que tiveram?; 3) O que já conheciam sobre a temática abordada no livro?. As perguntas buscaram captar, com o mínimo de interferências, as reações iniciais deste grupo de jovens leitores a respeito das narrativas. Antes de apresentarmos os resultados da recepção propriamente, tecemos algumas considerações sobre o enquadramento teórico da análise, seguida de breve apresentação da obra.

2 Sobre leitura e interação

Wolfgang Iser (1999, p. 97), um dos teóricos fundadores da estética da recepção, afirma que, “sendo uma atividade guiada pelo texto, a leitura acopla o processamento do texto com o leitor; este, por sua vez, é afetado por tal processo. Gostaríamos de chamar tal relação recíproca de interação.”. Assim, a leitura é, antes de mais nada, uma prática interacional que permite ao leitor ser sujeito atuante, o que está vinculado a suas experiências e conhecimento de mundo.

Entretanto, há determinadas condições que governam essa interação entre texto e leitor, que “se deixam esclarecer através de modelos de interação, tais como desenvolvidos pela psicologia social e pela pesquisa psicanalítica da comunicação.” (ISER, 1999, p. 97). Em uma obra que busca aproximação com o leitor jovem, obviamente os modelos de interação devem ser condizentes com características e

¹ Salientamos que não houve a preocupação em fazer uma descrição etnográfica da atividade de leitura realizada, simplesmente a obra foi apresentada aos alunos para leitura, por sua própria conta. Nosso objetivo foi apenas o de colher impressões iniciais de leitura, sem que, para isso, houvesse o desenvolvimento de uma metodologia prévia. Este experimento de leitura não tem valor de generalização. Seu propósito, podemos dizer, tem caráter heurístico, ou seja, serve apenas como ponto de partida para formulação de hipóteses que eventualmente possam contribuir para entender o processo de interação entre texto e leitor, servindo de base, quem sabe, para a orientação e planejamento de atividades de mediação de leitura.

expectativas desse público. A pesquisa de Michelle Petit (2009) sobre a leitura junto ao público jovem possui correlação com a teoria da recepção, quando afirma que

A literatura, em particular, sob todas as suas formas (mitos, lendas, contos, poemas, romances, teatro, diários íntimos, histórias e quadrinhos, livros ilustrados, ensaios – desde que sejam “escritos”), fornece um suporte notável para despertar a interioridade, colocar em movimento o pensamento, relançar a atividade de simbolização, de construção de sentido, e incita trocas inéditas (PETIT, 2009, p. 284).

Dessa forma, a literatura instiga o leitor a posicionar-se mediante as estratégias construídas pelo texto. No entanto, quando este leitor é uma criança ou um jovem, outros elementos entram em jogo no processo de interação, sobretudo recursos que visam à adaptação do texto, pois, afinal, em se tratando de livros destinados a leitores em formação, é preciso ter presente que “o esforço do leitor para subir a sua escada requer ‘um corrimão’ no qual possa apoiar-se.” (COLOMER, 2007, p. 84-85). Além do mais, o leitor, mesmo sendo criança ou jovem, não pode ser visto como alguém sem vivências e experiências, pois, desse modo, não haveria possibilidade de interação. A relação com o já vivenciado, juntamente com os elementos simbólicos, a estrutura e a linguagem, entre outros aspectos, produzem efeitos que certamente influem na recepção do texto. Afinal, “desde a idade mais tenra, todo menino, toda menina é considerado como sujeito ativo na construção de seus conhecimentos e de sua cultura.” (PETIT, 2009, p. 40).

Todavia, é preciso lembrar que a interação não depende de o texto ajustar-se aos seus receptores, como bem assinala Iser (1999, p. 102):

o texto não se adapta aos leitores que o escolhem como leitura. Os parceiros de uma interação diádica têm a possibilidade de verificar através de perguntas em que medida a contingência está sendo controlada, ou seja, se a imagem formada em razão da impossibilidade da experiência mútua se adequa à situação. O mesmo não vale para a relação entre texto e leitor. A este o texto jamais dará a garantia de que sua apreensão seja a certa.

O fato de o texto não garantir a compreensão não impossibilita que o leitor seja um elemento ativo, muito pelo contrário. Conforme Petit (2008, p. 28-29), “o leitor não é passivo, ele opera um trabalho produtivo, ele reescreve. Altera o sentido, faz o que bem entende, distorce, reemprega, introduz variantes, deixa, de lado os usos corretos”.

No entanto, ao mesmo tempo em que ele tem a capacidade de fazer isso “[...] ele também é transformado: encontra algo que não esperava e não sabe nunca aonde isso poderá levá-lo.” (PETIT, 2008, p. 29). Logo, cada um – autor, texto e leitor – tem suas capacidades, atribuições, especificações e ações possíveis, mas eles são controlados, limitados, e, ao mesmo tempo, interligados, um ao outro, como parte constituinte do todo. A respeito dos guias controladores, Iser (1999, p. 104) ratifica que

a assimetria de texto e leitor possui em princípio menor grau de determinação, e é essa falta de determinação que amplia as possibilidades de comunicação.

Para que essas possibilidades se realizem e a comunicação entre texto e leitor seja bem-sucedida, é preciso que a atividade do leitor seja de alguma maneira controlada pelo texto.

Não obstante, existe uma complexidade nessa operação de controle do texto, pelo fato de o espaço e o tempo da recepção serem diferentes do momento da escrita, ao contrário do que acontece na conversa, em que o emissor e o receptor atuam concomitantemente, mesmo que, em alguns casos, em espaços diferentes. Dessa forma, o espaço e o tempo são fatores que interferem no controle da recepção das informações, o que está, de certa forma, atrelado à variação das interpretações. A esse respeito, Colomer (2007, p. 193) lembra que “O jogo de interpretações é uma constatação que faz parte do aprendizado do contraste de leituras.”.

Tudo isso contribui para o processo de interação, haja vista que os elementos ficcionais mantêm relação com a realidade do leitor, em variados graus. Além do mais, o leitor pode ou não se sensibilizar ou se identificar com a história narrada, determinando o que Petit designa como “apropriação”:

A apropriação é um assunto individual: um texto nos apresenta notícias sobre nós mesmos, nos ensina mais sobre nós, nos dá as chaves, as armas para pensarmos sobre nossas vidas, pensarmos nossa relação com o que nos rodeia. Algumas vezes, esses jovens se apropriam de um texto estudado na escola (PETIT, 2008, p. 177).

A apropriação nada mais é do que um acontecimento que integra o texto à vida do leitor, e esse encontro pode ser oportunizado pela escola, que tem como um de seus principais objetivos educativos “formar os alunos como cidadãos da cultura escrita” (COLOMER, 2007, p. 30). Regina Zilberman (2003, p. 25), por sua vez, salienta o

papel da ficção na formação do indivíduo, reforçando ainda mais a importância do trabalho da escola:

De fato, tanto a obra de ficção como a instituição do ensino estão voltados à formação do indivíduo ao qual se dirigem. Embora se trate de produções oriundas de necessidades sociais que explicam e legitimam seu funcionamento, sua atuação sobre o receptor é sempre ativa e dinâmica, de modo que este não permanece indiferente a seus efeitos.

Essa não indiferença ao texto a que se refere Zilberman está relacionada aos conceitos de *lugares indeterminados* e *elementos potenciais*, desenvolvidos por Iser (1999), a partir da fenomenologia de Roman Ingarden. Os elementos potenciais são formados pelos aspectos esteticamente mais relevantes do texto, tais como as qualidades sensoriais, que ajudam o leitor a concretizar os objetos representados. Já os lugares indeterminados são aqueles que, de certa forma, instigam, junto com os elementos potenciais, o desejo de continuidade da leitura, que motivam o leitor quanto ao ainda não dito, àquilo que ainda está por vir, sendo que as pistas lançadas no texto contribuirão para esse fim. Afinal, o leitor é movido por curiosidade, aspecto que participa do jogo do texto. Desse modo, vistos como estratégias,

Os lugares indeterminados devem ser eliminados e os elementos potenciais devem ser atualizados. Ambas as operações quase não são sincronizadas. Se então os lugares indeterminados são preenchidos ou complementados, isso não significa para Ingarden que eles se transformariam em estímulos para a atualização dos elementos potenciais. Pois quem atualiza esses elementos é a emoção original; “no fundo, é ela o início do processo específico da experiência estética”. Ela provoca aquela turbulência no leitor que dá partida à atividade constitutiva e só se tranquiliza quando produz o objeto estético (ISER, 1999, p. 113).

Em linhas gerais, mesmo sendo independentes dos lugares indeterminados, os elementos potenciais possibilitam ou, ao menos, auxiliam no preenchimento daqueles. No entanto, isso depende mais do entendimento e direcionamento do leitor do que do texto em si, dado que as informações estão no texto, mas as inferências são feitas pelo leitor. Mesmo que este leitor seja, para Iser, criado pelas estruturas da ficção, ele permite projetar atos de leitura do leitor real. Dessa forma, o leitor implícito não é mera abstração, uma vez que oferece determinados papéis a seus possíveis receptores, orientando a atividade de constituição de sentidos (ISER, 1999). Por meio das

prefigurações do leitor implícito, o leitor real dá coerência ao universo de representações textuais.

O sentido do texto é apenas imaginável na experiência do leitor, que busca correspondência entre o seu ponto de vista e o da estrutura da obra, quando então acontece a interação. Dessa maneira, o leitor implícito é um conceito de grande relevância para o planejamento de atividades de leitura, pois possibilita identificar distintas posições do leitor fora do texto, tendo em vista os efeitos potenciais da obra.

3 Efeitos de leitura em *Felizes poucos: onze contos e um curinga*

Como o próprio título do livro já anuncia, trata-se de um volume composto por onze contos. Nesses textos são narrados fatos ocorridos durante a ditadura militar brasileira, sendo que muitas das personagens são jovens militantes que protagonizam momentos de resistência e luta por ideais em favor da transformação social. Pouco a pouco, porém, os sonhos desses jovens são interrompidos, repelidos e rechaçados, devido a perseguições, prisões, torturas e outros assombros.

No tratamento da temática da ditadura, a ficção encontra-se com a realidade nesses contos de Maria José Silveira. A introdução de procedimentos literários deliberados anuncia para o leitor que aqueles acontecimentos realmente existentes na história brasileira passam por uma elaboração estética. Assim, entre um conto e outro, entre os episódios da experiência ditatorial narrados na obra, aparece o Curinga, apresentado como “convidado” da autora, explicitando o caráter de jogo da ficção. Dessa forma, o Curinga, elemento deliberadamente ficcional, cria uma espécie de “encenação” da realidade da ditadura, o que dá à obra uma unidade complexa, em que não há oposição entre um e outro âmbito, mas uma maneira de ver, sentir e pensar a existência humana submetida à opressão, percepção que se efetiva no processo de leitura, conforme aponta Petit:

Ao longo das páginas, experimentamos em nós, a um só tempo, a verdade mais subjetiva, mais íntima, e a humanidade compartilhada. E esses textos que alguém nos passa, e que também passamos a outros, representam uma abertura para círculos de pertencimento mais amplos, que se estendem para além do parentesco, da localidade, da etnicidade. (PETIT, 2008, p. 95).

Diante disso, podemos dizer que a ficção é uma dimensão da realidade, um modo de percorrê-la por caminhos diferentes. No entanto, não há compromisso com a verdade, afinal, pode não ser imprescindível a fidelidade ao real, uma vez que, como afirma Lajolo (2001, p. 35):

Participando de uma das propriedades da linguagem – simbolizar e, simbolizando, afirmar e negar simultaneamente a distância entre o mundo dos símbolos e o dos seres simbolizados – a literatura pode ser entendida como uma situação especial de uso de linguagem que, por meio de diferentes recursos, sugere o arbitrário da significação, a fragilidade da aliança entre o ser e o nome e, no limite, a irredutibilidade e a permeabilidade de cada ser.

Nas palavras de Lajolo (2001, p. 69), “A literatura fala de vários mundos: alguns parecidíssimos com o nosso, onde, por exemplo, tem gente que morre de fome nas ruas, e de mundos muito diferentes, onde vivem espíritos, anjos, energias e demônios.”. A literatura transita entre dois mundos – o real e o imaginário, onde as possibilidades de criação são múltiplas. Petit (2008, p. 73) salienta que “[...] a leitura pode ser uma via privilegiada para inventar um caminho singular, para construir uma identidade aberta, em evolução, não excludente.”. Assim, ao referirmos a ditadura presente nos textos ficcionais não podemos esquecer que, “como outros atos de linguagem, a literatura dá existência ao que, sem ela, ficaria no caos do inomeado e, conseqüentemente, do não-existente para cada um.” (LAJOLO, 2001, p. 45). Em outras palavras, a literatura possibilita uma disseminação de informações, contribuindo para que certos temas relegados pela História, como a ditadura, não sejam esquecidos.

Em *Felizes poucos: onze contos e um curinga*, o Curinga aparece como personagem que cumpre um papel de mediador, ajudando o leitor a entender o que foi a ditadura, os conflitos, sofrimentos e agonias vividos por suas vítimas, por meio de uma estratégia lúdica. Nos contos, é visível o propósito de recuperar a memória da ditadura, uma vez que os resquícios desse regime ditatorial são explicitados em várias aparições do Curinga, como, por exemplo, em *O curinga e o tempo*:

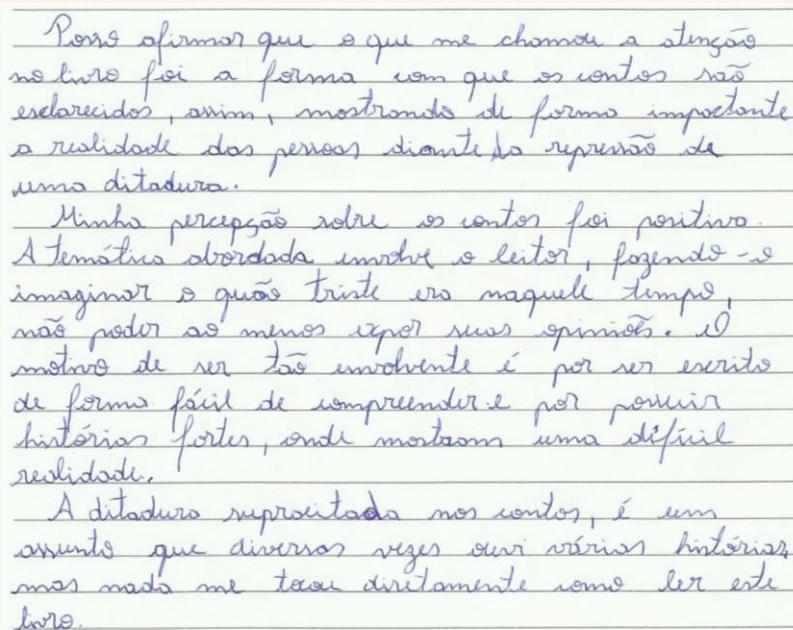
[...] Meus guizos balançam euforicamente febris.
Só que não tão febris.
Dessa época restaram sequelas. Por todo canto, para todo o lado que
você olha. Pequenas, grandes, enormes (SILVEIRA, 2016, p. 175).

Uma vez que o livro narra histórias sobre muitos jovens que têm seus sonhos interrompidos em meio a um período traumático da história, a partir de estratégias narrativas que desencadeiam o diálogo entre o passado e o presente, procuramos explicitar as reações e os posicionamento assumidos por jovens leitores, após a experiência de leitura da obra.

4 Recepção de *Felizes poucos: onze contos e um curinga* pelos jovens

Vale dizer que “os livros, e em particular os de ficção, nos abrem as portas para um outro espaço, para uma outra maneira de pertencer ao mundo. Os escritores nos presenteiam com uma geografia, uma história, uma paisagem onde retomamos o fôlego.” (PETIT, 2008, p. 79). Consequentemente, temos na literatura uma interpretação do mundo real. É exatamente a percepção desse mundo, referido ao passado da ditadura, que buscamos aqui compreender. Para efeitos de análise, foram selecionados trechos dos comentários dos leitores, os quais apresentam informações significativas, tendo em vista as questões formuladas, excluindo-se aqueles textos cujas ideias eram repetitivas. A seguir, comentamos algumas das respostas, com o objetivo, conforme já anunciamos, de captar as reações dos leitores face à estrutura de efeitos da obra.

Figura 1 – Registros escritos do sujeito 01



Possô afirmar que o que me chamou a atenção na leitura foi a forma com que os contos não esclarecidos, assim, mostrados de forma importante a realidade das pessoas diante da repressão de uma ditadura.

Minha percepção sobre os contos foi positivo. A temática abordada envolve o leitor, fazendo-o imaginar o quão triste era naquele tempo, não poder ao menos expor suas opiniões. O motivo de ser tão envolvente é por ser escrito de forma fácil de compreender e por possuir histórias fortes, onde mostram uma difícil realidade.

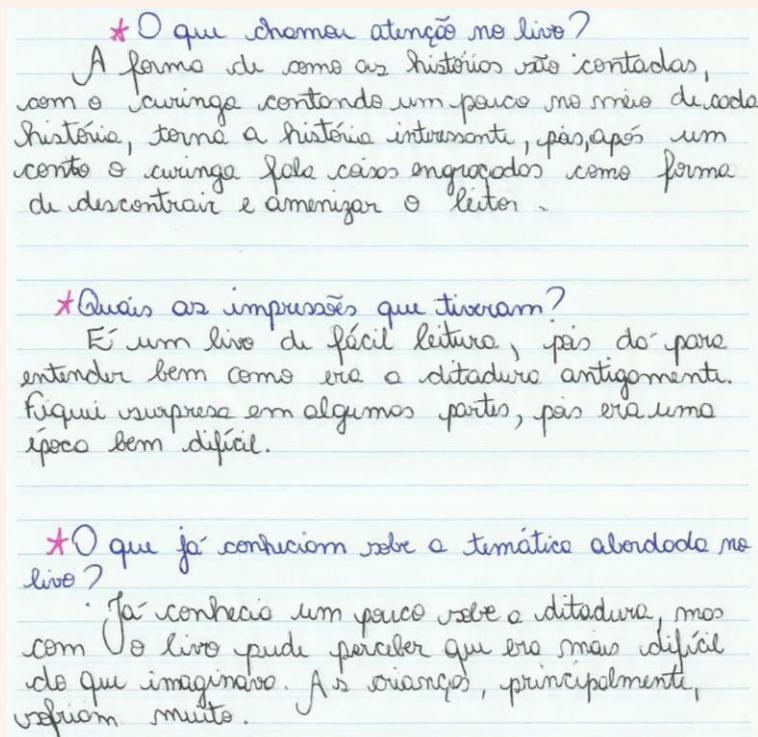
A ditadura representada nos contos, é um assunto que diversas vezes ouvi várias histórias, mas nada me teve diretamente como ler este livro.

Fonte: digitalização dos manuscritos do sujeito 01 feitos em sala de aula e entregues ao professor.

Vemos que esse aluno percebeu a ditadura como temática maior dos contos, manifestando já ter conhecimento prévio sobre esse assunto. Percebemos que esse sujeito ficou sensibilizado com as histórias narradas no livro, possivelmente pelo fato de nunca haver se deparado com textos ficcionais relacionados à ditadura (embora diga ter ouvido “histórias” a respeito). Considerando outro trecho desse aluno, mais especificamente o segundo parágrafo, percebemos que o livro *Felizes poucos: onze contos e um curinga* possui adequação à linguagem do jovem, mesmo tratando de uma temática “forte”, como afirma. Ainda conforme ressaltado pelo aluno, o que facilita o envolvimento e a compreensão da obra é a linguagem, a escrita “fácil” e “envolvente”, mostrando o quanto este aspecto é importante para a adesão do leitor.

Entretanto, há elementos importantes que o sujeito 01 não registrou em sua escrita, como, por exemplo, a presença do Curinga, o que é feito por alguns outros alunos, como, por exemplo, pelo sujeito 02:

Figura 2 – Registros escritos do sujeito 02

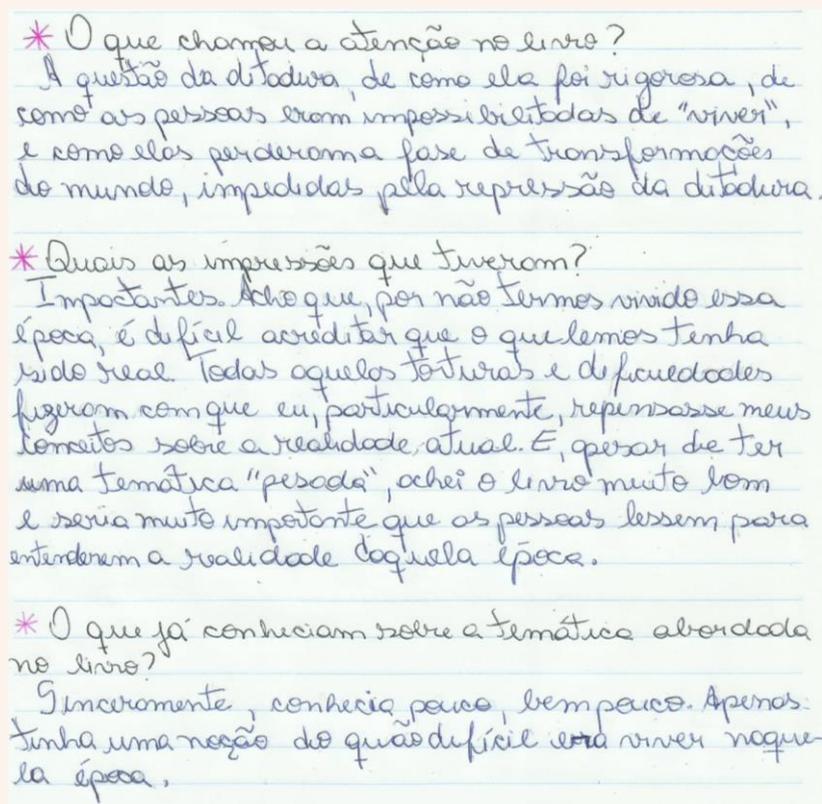


Fonte: digitalização dos manuscritos do sujeito 02 feitos em sala de aula e entregues ao professor.

Como pode ser verificado no manuscrito acima, o sujeito faz menção à presença do Curinga, ao ressaltar que ele “torna a história interessante” e “fala coisas engraçadas como forma de descontrair e amenizar o leitor”. Ele compreendeu bem uma das principais funções do Curinga. Todavia, a personagem tem uma função mais complexa, suas aparições não são apenas para fazer coisas engraçadas, mas para provocar reflexões e questionamentos.

Ademais, é possível perceber que esse sujeito ficou mais impactado pela temática da ditadura, deixando transparecer que possuía um conhecimento mais restrito desse período da história brasileira. Essa afirmação pode ser comprovada sobretudo com as expressões “Fiquei surpresa em algumas partes” e “Já conhecia um pouco sobre a ditadura”. No entanto, o sujeito reconhece que a leitura do livro é fácil, o que reforça a concepção levantada pelo sujeito 01 de que a linguagem do livro é um elemento importante de identificação com o público juvenil. Nessa conjuntura, vale levar em conta o que o sujeito 03 escreveu:

Figura 3 – Registros escritos do sujeito 03

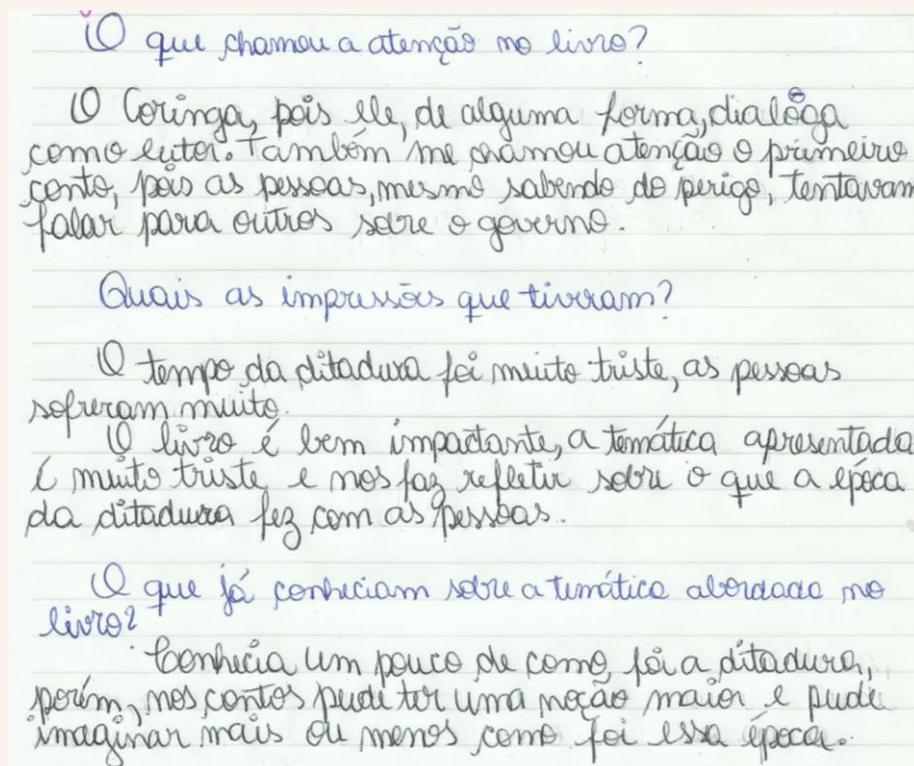


Fonte: digitalização dos manuscritos do sujeito 03 feitos em sala de aula e entregues ao professor.

A partir da análise dos registros escritos desse sujeito, percebemos que, dos três já considerados, ele mostrou-se o mais impactado pelo tema da ditadura e os episódios vivenciados pelas vítimas desse período turbulento. Esse fato contrasta com as evidências de que ele tinha pouco conhecimento sobre a ditadura, “Apenas tinha noção do quão difícil era viver naquela época”.

A seleção das palavras desse sujeito evidencia esse “choque”, sobretudo através do adjetivo “impactantes”, com relação às torturas sofridas pelos jovens prisioneiros do regime. Assim como o sujeito 01, este também mencionou a realidade ditatorial representada na obra, dizendo tratar-se de um assunto “pesado”. Notemos ainda que as impressões desse leitor foram mais direcionadas às vivências das personagens, sem, contudo, mencionar o Curinga. No entanto, conforme o próprio aluno relata, ele achou muito bom ler a obra e sugere que as pessoas deveriam ler esse livro, o que está ancorado, de certa forma, no registro do sujeito 04:

Figura 4 – Registros escritos do sujeito 04

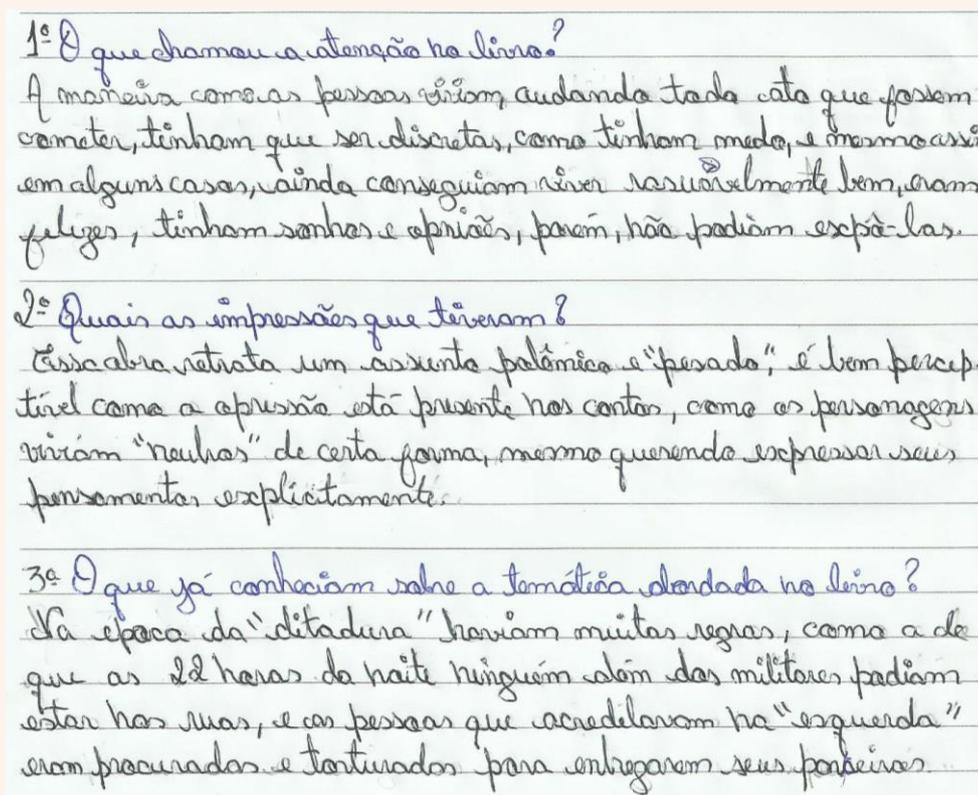


Fonte: digitalização dos manuscritos do sujeito 04 feitos em sala de aula e entregues ao professor.

Esse sujeito, assim como o 03, ficou impactado com o sofrimento das personagens vítimas da ditadura, o que, de certo modo, faz com que perceba a importância da obra como forma de reflexão sobre os acontecimentos desse período traumático. Também esse sujeito relatou que conhecia pouco sobre o período da ditadura. Logo, pode-se inferir, a partir dos relatos escritos, que quanto menos o leitor conhece sobre a realidade histórica representada no texto, mais impactado ele fica, gerando o interesse pela leitura.

Outra percepção importante do sujeito 04 é com relação à presença do Curinga e suas funções. O aluno percebeu que o Curinga dialoga com o leitor, embora não tenha desenvolvido muito essa característica da personagem. Contudo, essa percepção é relevante para o aprofundamento da percepção de aspectos relacionados às estratégias de produção de efeitos sobre o leitor presentes no texto. Já o sujeito 05 destaca um outro viés do texto:

Figura 5 – Registros escritos do sujeito 05



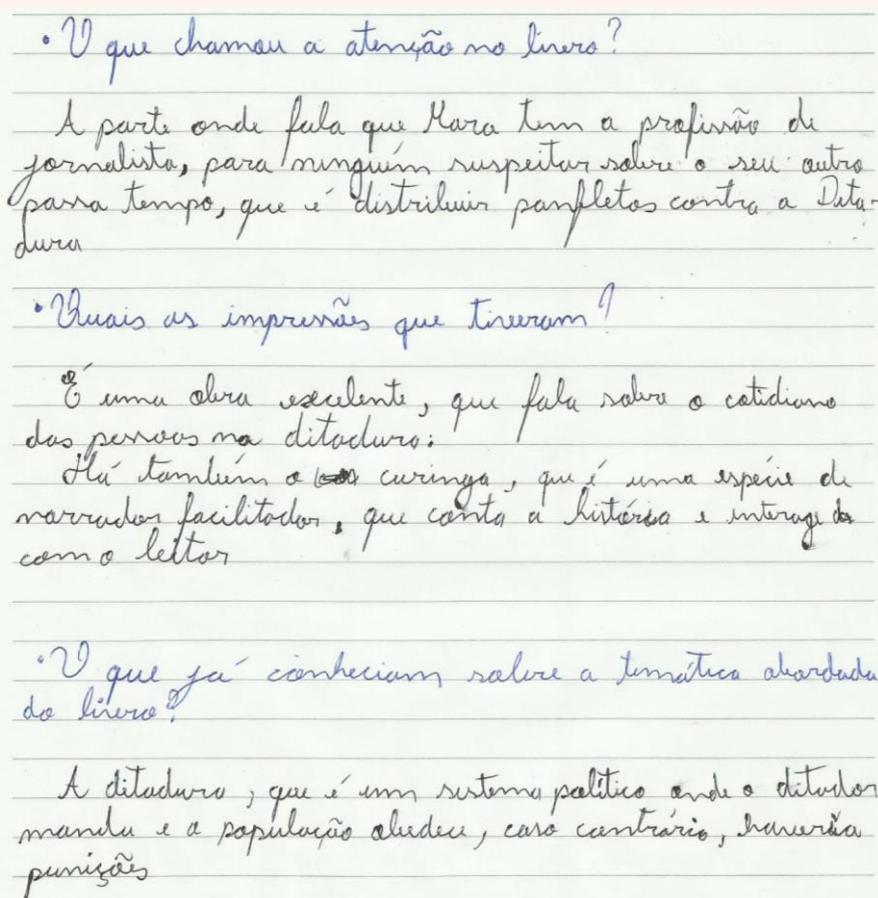
Fonte: digitalização dos manuscritos do sujeito 05 feitos em sala de aula e entregues ao professor.

Percebemos, a partir dos comentários feitos pelo sujeito 05, que possui um conhecimento prévio mais aprofundado sobre a ditadura. Por exemplo, no último

tópico, quando afirma que havia muitas regras e descreve que após certo horário da noite ninguém mais, além dos militares, podia estar nas ruas.

Além do mais, esse aluno focou nas personagens dos contos, nos seus medos e anseios, nos seus sentimentos e no estado psicológico em que elas se encontravam diante das situações diversas. No primeiro tópico, o sujeito enfatiza a cautela que as personagens tinham, bem como o medo e o fato de não poderem se expor, ou seja, terem de viver escondidas. Já no segundo tópico, o aluno salienta o fato de aquelas pessoas/personagens terem que viver “neutras”, ou precisarem esconder suas opiniões. No terceiro item, o sujeito 05 focou na perseguição e na tortura, assim como na pressão sofrida pelos capturados para dedurarem seus parceiros. A dupla identidade, pelo fato de viverem escondidos do regime militar, também é percebida pelo sujeito 06, a partir da menção de Mara, uma personagem do primeiro conto do livro:

Figura 6 – Registros escritos do sujeito 06



Fonte: digitalização dos manuscritos do sujeito 05 feitos em sala de aula e entregues ao professor.

Convém enfatizar que este sujeito considera o Curinga alguém que interage com o leitor. Ele é, ao mesmo tempo, um facilitador para a compreensão do livro como um todo. Um facilitador que ajuda o leitor a concretizar o universo ligado à ditadura, como na parte em que ele resolve fazer uma chamada das vítimas, mas abandona esse propósito devido ao fato de ser uma lista muito extensa. Enfim, cada leitor tem suas percepções particulares, mas, de qualquer forma, observamos a incidência em aspectos ligados à construção ficcional, que cabem ser potencializados nas atividades de leitura desenvolvidas na escola.

Considerações finais

A estética da recepção formulada por Iser (1999), embora referida a leitores virtuais, previstos na estrutura da obra, pode ajudar-nos a compreender processos reais de leitura, ou seja, as percepções efetivas dos leitores. Na leitura de *Felizes poucos*, por exemplo, foi possível verificar os elementos de interação ativados por cada leitor em particular e de que maneira esses elementos relacionam o texto às vivências e conhecimentos desses leitores. Vimos que a linguagem é um importante fator de mediação, sua capacidade de estabelecer comunicação com o leitor jovem é um fator decisivo para a recepção da obra. Afora isso, destacam-se elementos relacionados ao conteúdo narrativo, o “impacto” das ações narradas e, ainda, seus efeitos sobre os estados emocionais das personagens. Recursos técnicos e formais da composição literária não chegam a ser notados por todos os sujeitos, o que demanda um trabalho de mediação de leitura mais atento a esses aspectos, no sentido de desenvolver a percepção dos leitores.

A experiência de leitura que aqui apresentamos deixa evidente a função da literatura no processo de elaboração crítica da realidade, o que passa pelo acesso a textos com perspectivas estéticas abertas ao debate, como acontece em *Felizes poucos*, na representação que propõe do tema da ditadura, pouco abordado em obras voltadas ao público jovem. Mais do que isso, a experiência de leitura é reveladora da potência de sensibilização do texto, à medida que os leitores disseram-se “impactados” pelos eventos narrados, reconhecendo, inclusive, a importância da leitura desse tipo de obra.

Essas impressões de leitura são úteis para nos dar pistas sobre como a ficção é capaz de provocar nos leitores a reflexão sobre a realidade, com base em aspectos da construção ficcional. No entanto, para que a capacidade crítica seja aguçada e aprofundada, ultrapassando o nível da emoção mais imediata, é preciso que os leitores desenvolvam a consciência da linguagem para além do nível da simples comunicação de conteúdos, mas como parte de uma elaboração estética, capaz de dar forma à percepção, a fim de favorecer a construção de uma visão renovada do mundo e da própria experiência do leitor.

De qualquer modo, a leitura de *Felizes poucos: onze contos e um Curinga* mostrou-se provocativa, dado que conseguiu levar os sujeitos à percepção de acontecimentos da realidade histórica do Brasil, simbolicamente configurados na obra. Certamente, essas percepções iniciais aqui comentadas servem de mote para novos planos de leitura, que aprofundem justamente a dimensão de jogo do texto literário, na sua relação com a realidade do passado e do presente. Justamente aí reside o “Curinga da literatura”, que, mais do que uma carta que muda de valor, pode ser o papel de cada um de nós - na ficção, como na vida.

REFERÊNCIAS

- COLOMER, Teresa. *Andar entre livros: a leitura literária na escola*. Tradução de Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2007.
- ISER, Wolfgang. *O ato da leitura: uma teoria do efeito estético*. Tradução de Johannes Kretschmer. Vol. 2. São Paulo: Editora 34, 1999.
- LAJOLO, Marisa. *Literatura: leitores e leitura*. São Paulo: Moderna, 2001.
- PETIT, Michèle. *A arte de ler ou como resistir à adversidade*. Tradução de Arthur Bueno e Camila Boldrini. São Paulo: editora 34, 2009.
- PETIT, Michèle. *Os jovens e a leitura: uma nova perspectiva*. Tradução de Celina Olga de Souza. São Paulo: Ed. 34, 2008.
- SILVEIRA, Maria José. *Felizes poucos: onze contos e um Curinga*. São Paulo, ZLF, 2016.
- ZILBERMAN, Regina. *A literatura infantil na escola*. 11. ed. São Paulo: Global, 2003.

Data de recebimento: 30/09/2018

Data de aceite: 21/11/2018

